

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal de Brasília* Class.: 89

Data: 27.01.85

Pg.: \_\_\_\_\_

# CNBB afirma que Camio 4468 agiu por conta própria

O padre francês Aristide Camio que entrou com nome falso na área indígena Apinajé, situada em Tocantinópolis, Norte de Goiás, chegou ontem a Brasília onde se hospedou na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), mas recusou-se a falar com a imprensa. Ele disse que dará uma coletiva na segunda-feira quando então explicará os motivos do seu ato. Essa informação é de um assessor da CNBB.

Ele assegurou que o padre Aristide ao se dirigir àquela área em conflito, acompanhado de duas jornalistas e a convite de uma delas, "agiu por conta própria, e não se encontrava, portanto, em qualquer missão pastoral".

De acordo ainda com o assessor, o fato causou surpresa aos membros da CNBB mas estes respeitaram o cansaço do padre e decidiram conversar com ele somente amanhã quando saberão os detalhes do acontecimento e as justificativas do religioso. Na segunda, então ele conversará com os jornalistas.

**Nome falso**  
Aristide embarcou em uma aeronave da Fundação Nacional do Índio (Funai) na última segunda-feira sob o nome de André A. Vidon, e pernitoou na área indígena Apinajé em conflito com posseiros que ocupam suas terras.

Em 1981 ele foi acusado de incitar trabalhadores rurais à luta armada contra alguns desafetos, e por isso permaneceu preso dois anos com base na antiga Lei de Segurança Nacional. Com a edição do novo texto desse instrumento legal ele foi liberado.

**Defesa**  
O padre Aristides Camio não promoveu qualquer tipo de agitação na região Norte de Goiás, onde atualmente se registra clima de

tensão em decorrência do conflito pela posse de terras entre os índios Apinajé e brancos, mesmo porque não teve tempo para isso nem conversou com ninguém, afirmaram ontem, as jornalistas Sandra Carvalho e Memélia Moreira, com quem o padre francês viajou até Tocantinópolis, onde foi detido e interrogado pela polícia.

O presidente da Funai, Nelson Marabuto, havia informado, sexta-feira, que o padre francês havia sido identificado ainda na escala feita pelo avião da Funai, no qual viajavam também as jornalistas, e que a partir daí foi seguido pelos órgãos de informação. Marabuto afirmou, ainda, que havia recebido informações de que Camio chegou a Tocantinópolis falando que os índios poderiam atacar a cidade, o que acentuara o clima de tensão e se constituiu no motivo para sua detenção.

Não houve tempo para isso, segundo as jornalistas, pois elas e o padre haviam chegado já à noite no posto indígena São José, onde pernitoaram, seguindo logo pela manhã a Tocantinópolis dirigindo-se imediatamente à prefeitura local. Como não encontraram o prefeito, decidiram almoçar, antes que tivessem contato com qualquer pessoa de Tocantinópolis, onde não conheciam ninguém, o padre foi abordado pelo delegado Lima que lhe exigiu identificação.

A informação dada pelo presidente da Funai era de que Camio não dispunha de documentos, o que é negado pelas jornalistas. Camio apresentou sua carteira de identidade quando lhe foi exigida pelo policial a carteira de padre. Foi preciso que o bispo local, Dom Hilário Pinheiro, explicasse ao policial que não há necessidade de padres terem uma identidade específica.

## Tempo quente para índios e fazendeiros

Goiânia — A situação entre os índios Apinajé e os fazendeiros no município de Tocantinópolis, 1.280 km de Goiânia, continua tensa, em razão da disposição dos primeiros em demarcar uma área de 148 mil hectares, com o que não concordam os últimos. Esta semana houve até tiros esparsos na região e a temperatura subiu intensamente quando o cacique Raoni chegou à região para ajudar seus irmãos Apinajé na demarcação das terras.

Nesta sexta-feira, por intermediação do Secretário de Segurança Pública do Estado, deputado federal José Freire, celebrou-se uma trégua entre brancos (fazendeiros e grileiros) e as lideranças indígenas, agora capitaneadas por Raoni. Enquanto isto, a Polícia Federal montou barreiras na Belém-Brasília para impedir o trânsito de índios do Mato Grosso, mas eles estão vindo de avião diretamente para Tocantinópolis e seguramente mais 60 guerreiros estarão na área de conflito até a próxima quarta-feira, quando a trégua termina.

Os fazendeiros da região, liderados pelo vereador José Bonifácio Gomes (PMDB), querem impedir a todo custo a demarcação de terras pretendida pelos Apinajé. Por seu intermédio, a população de Tocantinópolis está toda armada, com a conivência da Polícia Militar, que reforçou seu dispositivo no município. O prefeito João Sabóia (PMDB) é outro líder dos brancos e conta com a simpatia do secretário José Freire, que é representante político do município.

Os fazendeiros alegam que suas posses na área da Reserva que os índios pretendem demarcar são legalizadas e que não vão permitir o império da vontade das lideranças indígenas. E acusam a Funai de subverter os índios e de trabalhar contra os interesses dos latifundiários.

Segundo as lideranças indígenas, o secretário de segurança não está ajudando a resolver o conflito, em razão dos seus interesses políticos no município. E apontam o fato de a população estar toda armada, o que é irregular e ilegal, sem que o titular da Secretaria de Segurança e destacamento da Polícia Militar nada façam.

### Histórico

Tudo começou no dia 28 de novembro de 1983, quando os índios invadiram e tomaram a sede da Funai, exigindo a demarcação de suas terras. Na época a Funai só reconhecia a Aldeia de Mariazinha que tinha uns 100 índios. Depois foi criada a Aldeia de São José com mais de 400. E surgiu mais outra e os índios exigiam a demarcação de uma reserva, cuja criação foi determinada por decisão da presidência da República.

Mas há um complicador: os fazendeiros combatem a Cia. Vale do Rio Doce, acusada de sublevar os índios. Na realidade, a situação da Companhia é diferente. O Banco Mundial só libera os recursos do Projeto Carajás quando a situação dos índios estiver regularizada, com aldeia e reserva com área demarcada, com infra-estrutura pronta (hospital, etc) e a situação fundiária da região em dia.

Enquanto isto, mais guerreiros anunciam chegada a Tocantinópolis. Eles vêm do Parque Nacional do Xingu, onde correu a notícia de que os brancos de Tocantinópolis queriam "dar uma lição no cacique Raoni", para desmoralizá-lo diante da opinião pública nacional.